

Memórias quase póstumas de Machado de Assis

Alvaro Cardoso Gomes

ilustrações Alexandre Camanho



CHAMPAGNAT
EDITORA • PUCPR

Memórias quase póstumas de Machado de Assis

Álvaro Cardoso Gomes



Alexandre Camanho

Prêmio Jabuti 2015
Categoria Juvenil

1ª edição


CHAMPAGNAT
EDITORA • PUCPR

Curitiba – 2018

Copyright © Álvaro Cardoso Gomes, 2018

Todos os direitos reservados à

EDITORA UNIVERSITÁRIA CHAMPAGNAT

Rua Imaculada Conceição, 1155 – Prédio da Administração – 6º andar

Campus Curitiba – CEP 80215-901 – Curitiba – PR

Tel. (0-XX-41) 3271-1701

www.editorachampagnat.pucpr.br

Editor responsável

Marcelo Manduca

Revisora

Aline Silva de Araújo

Álvaro Cardoso Gomes é professor universitário,
ensaísta, romancista e escritor para crianças e jovens.

Dados da Catalogação na Publicação

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR

Biblioteca Central

Giovanna Carolina Massaneiro dos Santos – CRB 9/1911

	Gomes, Álvaro Cardoso
G633m	Memórias quase póstumas de Machado de Assis / Álvaro
2018	Cardoso Gomes; ilustrador, Alexandre Camanho. — Curitiba: Champagnat, 2018. 240 p.: il.
	ISBN 978-85-7292-418-4 ISBN 978-85-7292-423-8 (Material do professor)
	1. Literatura brasileira. 2. Romance. I. Assis, Machado de, 1839-1908. II. Título
18-013	CDD 20. ed. – B869.341

Fundada em 1983, a Editora Universitária Champagnat, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, publica livros em todas as áreas do conhecimento. Tendo como premissa a relevância científica, literária, artística e cultural, visa atender aos interesses de ensino, pesquisa e extensão da comunidade acadêmica e da sociedade como um todo.

Para a Eliane, com muito amor.
Para meus filhos.

Convite à leitura 6

por José Luiz Passos

Apresentação 11

por Álvaro Cardoso Gomes

Um caderno de memórias 15

Ao leitor 18

Capítulo I Saldo de duas vidas 20

Olhos de cigana oblíqua e dissimulada .. 33

Capítulo II O filho da lavadeira 46

Incidente com Hermenegildo 52

A velha casa 55

Anica doente 57

Os arrufos de Carola..... 62

Capítulo III Um ajudante muito especial 64

São os homens animais? 70

O bruxo do Cosme Velho..... 73

Capítulo IV Ganhei um secretário! 76

Por favor, senhor diretor,
lavre o parecer 81

Diálogo com um leitor curioso 84

Capítulo V O crente e o descrente..... 94

As artimanhas de um padre 112

Capítulo VI Uma noite de autógrafos 114

Infância e juventude..... 119

Capítulo VII De médico e de louco.....	128
As virtudes de Carola	143
Crendices	146
A cartomante	148
Capítulo VIII Cartas de amor	160
A difícil corte.....	168
Fausto e Mefistófeles	171
Capítulo IX A teoria do tijolinho	180
A teoria do tijolinho II	190
Vaidade das vaidades	198
Capítulo X Ao pé do leito derradeiro.....	206
A vida sem Carolina	211
Um epílogo escrito por outra mão	213
 Fotocronologia da vida e da obra de Machado de Assis.....	 218
 Créditos das imagens	 232
 Bibliografia.....	 233
 Quem é Álvaro Cardoso Gomes	 238
 Quem é Alexandre Camanho	 239
 Informações paratextuais	 240

Convite à leitura

São poucos os escritores contemporâneos, no Brasil, que têm uma obra tão vasta e diversa quanto a de Álvaro Cardoso Gomes. Nisso, curiosamente, ele se irmana a Machado de Assis. Ambos são autores de romances, ensaios críticos, crônicas, volumes de poesia, contos etc. Quase não há gênero que não tenham tentado – e realizado bem. Numa época em que a especialização literária marca carreiras e pune a ousadia de autores, Álvaro Cardoso Gomes continua falando as várias línguas do espírito humano e nos dá lições de literatura, ao mesmo tempo em que pratica sua imensa variedade de opções.

Mas há, também, outra questão que os aproxima. Os dois autores cultivam a fábula, adoram a ironia, abraçam a paródia, incorporam em sua ficção o diálogo com obras de matrizes diversas e não evitam os gêneros populares. A imaginação alegórica – que, aliás, define boa parte da contribuição de ambos –

nos convida a ver o mundo, tão familiar, como algo estranho. E não é estranho que nosso Realismo literário comece, justamente, por um romance contado a partir da perspectiva do além-túmulo? *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881) é a prova de que, se a literatura de qualquer tempo quiser permanecer fiel à sua capacidade de invenção, ela não pode abandonar a ousadia: dela colhemos os melhores frutos de uma fantasia crítica.

Pois as *Memórias quase póstumas de Machado de Assis*, a despeito de sua aparente simplicidade, é obra de ousadia. Álvaro Cardoso Gomes nos conduz a um Machado de Assis outonal; ele está no auge de sua carreira e quase no fim da vida. Mesmo assim, não é um Machado impaciente para com aqueles que o acompanham. Muito pelo contrário. Quando a história que vocês estão prestes a ler começa, encontramos Machado revisando trechos importantes de *Dom Casmurro* (1899) em companhia de Carolina, sua esposa, de quem ele recebe repelões de consciência e estilo. Uma relação afetuosa, de imensa cumplicidade entre marido e esposa, marca essas *Memórias quase póstumas* do início ao fim. Carola – tal como Machado costuma

chamar a esposa – acompanha nosso herói-escritor enquanto viva e ainda lhe sobrevive, após sua morte, na saudade. No início do livro, ambos vão ao morro do Livramento, berço – por assim dizer – do próprio Machado, onde encontram o jovem Hermenegildo, que servirá de secretário e nova companhia ao escritor. É Hermenegildo quem lê, passa a limpo e prefacia essas memórias de Machado. Ao mesmo tempo, Hermenegildo é também leitor curioso, uma espécie de jovem Machado, que se dedica a desvendar o sentido dos textos lidos. Hermenegildo foi Machado – e somos nós. Além dele, também farão companhia ao velho autor Joana e Raimundo, nos serviços da casa, e o padre Siqueira, nas partidas de xadrez. Temos, então, um cenário íntimo completo. Porém, ninguém duvide de que Carola seja mesmo a presença mais fundamental em cena.

Essas *Memórias quase póstumas* não evitam o tema do preconceito nem as dificuldades de se lidar com os colegas de profissão. Detalhes biográficos de Machado de Assis são intercalados com grande sutileza a trechos de sua própria ficção, fazendo homem e obra comparecerem sem receio nem monumentalização.

Hermenegildo discute com Machado suas opiniões sobre a leitura dos contos e dos romances do autor, ao mesmo tempo em que também se familiariza com outros escritores do século XIX. Álvaro Cardoso Gomes, inventor de Hermenegildo, casa com grande astúcia fragmentos dos textos do próprio Machado com a recriação de episódios importantes da vida do autor.

Vemos, por exemplo, instantâneos da formação do escritor em sua projeção no jovem Hermenegildo, o difícil noivado com Carolina, os rituais de contato e socialização com outros escritores, além dos grandes temas da ficção machadiana, tais como a vaidade e as determinações de várias ordens, que, supostamente, explicariam o comportamento humano. E, ao longo do livro, Carola cobra do marido uma visão mais atenta à mulher e uma perspectiva menos cáustica da condição humana.

O resultado é uma história na qual o grande Machado de Assis se humaniza imensamente. Ele convive com seus acompanhantes e com as próprias memórias sem exigir deles nenhuma “chave”; ele tem prazer nas conversas com Hermenegildo e nas partidas de xadrez com o padre Siqueira sem, tampouco, perder a

oportunidade de transformá-las em instantes de esclarecimento de temas cruciais. Nessas *Memórias quase póstumas*, Machado se torna nosso igual, ouvindo com aparente impaciência a própria esposa, cultivando novos amigos e lidando com a frágil questão da saúde.

Álvaro Cardoso Gomes nos convida a considerar um Machado de Assis mais próximo a nós, leitores, e para quem a imaginação de situações humanas é, ao mesmo tempo, prazerosa, útil e delicada.

Memórias quase póstumas de Machado de Assis é título especialíssimo da coleção *Meu amigo escritor*, porque versa sobre aquele que, talvez, seja nosso autor maior – pela vida que viveu, pelas realizações que alcançou, pelas obras que escreveu. E essa importante história lemos com grande proveito e muita emoção.

José Luiz Passos

Professor titular de literaturas brasileira e portuguesa na Universidade da Califórnia, em Los Angeles (UCLA). Entre outros livros, é autor do estudo *Machado de Assis: o romance com pessoas* (Edusp, 2007) e do romance *O sonâmbulo amador* (Alfaguara, 2012), vencedor do Grande Prêmio Portugal Telecom de Literatura.

Apresentação

Dizer que Machado de Assis é o maior escritor brasileiro de todos os tempos já constitui lugar-comum. Há muito tempo, os mais importantes críticos do Brasil e do exterior vêm chamando a atenção para seu excepcional talento. Apesar disso, há quem tenha certo preconceito contra ele, acusando-o de difícil, complexo, talvez por contar suas histórias de um modo diferente do usual. De fato: Machado, utilizando-se da alusão e recusando-se a dizer diretamente as coisas, procura, por meio de imagens sutis, sugerir algo ao leitor que não poderia ser dito de outro modo. Como é o caso da descrição que faz de Capitu, a imortal figura feminina do romance *Dom Casmurro*. Seu retrato é quase todo sintetizado nos olhos, imaginados como “de cigana oblíqua e dissimulada” e “de ressaca”. Ora, isso nem sempre é assimilado por um leitor pouco afeito a sutilezas e que, por isso mesmo, prefere descrições pormenorizadas dos personagens, como costuma acontecer na ficção convencional.

Não bastasse a economia de recursos, que leva Machado, em poucas linhas, a definir um caráter, seu modo de contar é permeado por uma saudável oralidade, como se propusesse estabelecer uma conversa íntima entre autor e leitor. Isto porque Machado quer a nossa cumplicidade no desvendamento que faz da vida humana. E, para tornar melhor ainda sua ficção, ele coloca um tempero extra na narrativa – o humor afiado que chega a ser corrosivo, como acontece, por exemplo, em *Memórias póstumas de Brás Cubas* e em seu conto “O Alienista”. Quem não se lembra da bem-humorada frase de Brás Cubas, ao definir o que foi seu caso amoroso com a amante: “Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis”. Mas também é possível ver em Machado um tom menos ácido no modo que nos revela a perda da inocência de jovens, como acontece nos contos “Uns braços” e “Missa do galo”, e mesmo no romance *Dom Casmurro*. Mas, tanto num caso como no outro, Machado visa a fazer uma crítica à ganância dos homens, a um mundo onde os mais fracos são vítimas dos mais fortes. “Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas” é a verdade que emana da filo-

sofia do Humanitas de Quincas Borba, permeando seus livros mais instigantes.

No entanto Machado de Assis não nos chama a atenção tão só por sua excelência como escritor. Há um aspecto muito importante nele que também me levou a pensar em escrever esta biografia romaneada: a sua vida. É bem verdade que nada há nela de heroico, de grandioso. Muito pelo contrário: Machado foi um homem pacato, funcionário público exemplar, bem casado, respeitável burguês. Mas talvez, por isso mesmo, sua vida seja tão atraente e possa servir de exemplo para qualquer jovem. Machado de Assis era mulato (o pai negro e a mãe branca), viveu numa sociedade escravocrata e preconceituosa, era pobre e tinha a saúde frágil, sofrendo de gagueira e epilepsia desde a infância até a velhice. Com a morte do pai, teve que ajudar a madrastra (perdera a mãe bem cedo), vendendo doces na rua. Apesar de todos esses problemas, tornou-se um leitor voraz, aprendeu francês sem dificuldades (entre 15 e 16 anos), e, não demorou muito, veio a trabalhar na imprensa, começando a publicar seus versos. Em alguns anos de frutuoso trabalho, produziu mais de duzentos contos, oito romances,

livros de poesia, peças de teatro, traduções, crônicas e artigos de crítica literária, tornando-se o escritor mais famoso do seu tempo. Machado de Assis, por tudo o que passou, é mesmo um verdadeiro fenômeno, um milagre da natureza. Com seu talento invulgar e sua vontade férrea, é um homem a ser seguido e imitado. Tanto na obra, quanto na vida.

Álvaro Cardoso Gomes